

ORFEU

NEGRO

KEN LOACH é realizador e um dos nomes mais significativos do cinema britânico. A sua obra é considerada um marco do realismo social, por fazer um retrato rigoroso da paisagem social e política do Reino Unido. Estudou Direito em Oxford, e depois de uma breve passagem pelo teatro, foi recrutado pela BBC, em 1963, para o cargo de director televisivo. Foi o começo de uma longa carreira de realização em televisão e cinema, com uma vasta e premiada obra, de singular coe-rência.

ÉDOUARD LOUIS é escritor. Estreou-se com a obra autobiográfica *Para Acabar de Vez com Eddy Bellegueule*, publicada em França em 2014, pela qual recebeu o Prémio Goncourt de Primeiro Romance. Dirige a colecção «Des mots» nas edições Presses Universitaires de France, onde também coordenou um livro dedicado a Pierre Bourdieu, *Pierre Bourdieu, L'insoumission en héritage*. A sua obra, marcadamente autobiográfica, relaciona-se com temas como a sexualidade, as desigualdades sociais, o racismo e todas as formas de violência.

Diálogo sobre arte e política

Ken

Loach

Édouard

Louis

TÍTULO ORIGINAL

Dialogue sur l'art et la politique

AUTORES

Ken Loach, Édouard Louis

TRADUÇÃO

José Alfaro

REVISÃO

Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Printer Portuguesa

COPYRIGHT

© 2022 Orfeu Negro

© 2021 Presses Universitaires de France / Humensis

Todos os direitos reservados

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Agosto 2022

DL 502656/22

ISBN 978-989-9071-46-9

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ÍNDICE

DIÁLOGO I

Trabalho e violência **9**

**Perguntas a Ken Loach
e Édouard Louis** **37**

—

DIÁLOGO II

Política e transformação **51**

**Perguntas a Ken Loach
e Édouard Louis** **73**

Os autores agradecem à Al Jazeera e à equipa do *Studio-B, Unscripted* terem tornado este diálogo possível.

DIÁLOGO I

Trabalho e violência

Édouard Louis Gostava de começar com uma associação e uma pergunta. No livro *Quem Matou o Meu Pai*, tentei reconstituir a vida do meu pai, e acontece que ele, por volta dos trinta e cinco anos, sofreu um acidente na fábrica em que trabalhava. Um peso que se encontrava suspenso por cabos caiu-lhe em cima e esmagou-lhe as costas. Depois desse acidente, teve de ficar vários anos imobilizado; recebia uma pensão de invalidez, até ao dia em que o Estado francês decidiu que podia regressar ao trabalho, que estava apto para isso – enquanto eu o via a contorcer-se de dores durante a noite devido às sequelas do acidente. Só que as condições para se poder receber uma pensão de invalidez ou um apoio social se tinham tornado mais rigorosas em França, o governo decidira fazer «poupanças»... O resultado é que, a partir do momento em que o meu pai foi considerado apto para trabalhar (segundo que critérios?), viu-se acossado

pela administração pública, que o compelia a encontrar novo emprego. Diziam-lhe: «Ou volta a encontrar trabalho, ou perde a sua pensão miserável» – ou seja, ou morre de fome, ou morre a trabalhar, como se a alternativa para os dominados fosse esta: morrer ou morrer. E, de facto, o meu livro foi em parte escrito sob a influência do teu filme sublime, *Eu, Daniel Blake*, em que um homem é pressionado pela administração inglesa a regressar ao trabalho, custe o que custar, apesar da sua saúde deplorável, porque o Estado se desobrigou por completo e já não quer dar dinheiro a um homem como ele, incapaz de trabalhar. Telefonam-lhe, pedem-lhe para apresentar provas de que anda à procura de emprego, convocam-no... Tudo isto me leva a pensar que o teu filme fala de perseguição social e política. O que verifico é que os dominados estão muitas vezes associados à linguagem da exclusão; fala-se dos «excluídos», da «vio-

lência da exclusão», mas o que é impressionante, quando se olha para a vida do meu pai ou de Daniel Blake, é a que ponto essas vidas são perseguidas, mais do que excluídas, ainda que os dois mecanismos possam andar associados. O objecto da dominação, em última instância, não será a perseguição, muito mais do que a exclusão? A exclusão, no sentido de alguém se poder excluir, de se ir embora de um país, de se afastar, de fugir a um regime político, é muitas vezes um privilégio, por ínfimo que seja. Sabe-se, por exemplo, que os migrantes que fogem de um país em guerra são na maioria das vezes pessoas das classes médias ou que exercem profissões liberais, aqueles que conseguem arranjar dinheiro para pagar vários milhares de euros a um passador, e não necessariamente os mais pobres. Quando se olha para a vida dos negros em França ou na América e se avalia a quantidade de violências policiais e judiciais que sofrem,

pensamos que são muito mais alvo de perseguição do que de exclusão. Não achas que era preciso transformar a linguagem política tradicional, e talvez assentar o foco na ideia de perseguição quando se analisa o funcionamento da política contemporânea?

Ken Loach É uma pergunta difícil. Quero dizer, é uma excelente observação, e penso que a resposta começa pela economia. A natureza do trabalho mudou. Há cada vez mais empregos precários, a maioria é muito mal remunerada, e existem agora maneiras de as empresas não pagarem o salário mínimo aos empregados. As pessoas vêem-se assim forçadas a aceitar empregos muito duros por um salário baixíssimo. E uma forma de as obrigar a aceitarem esses empregos é fazer compreender a quem não trabalha que acabará mesmo por sofrer. E, ainda que não trabalhem porque estão doentes ou são

deficientes, cria-se uma situação em que fazer um trabalho degradante e miseravelmente pago é mais suportável do que ser sustentado e ajudado por... Olha, por todos nós. Porque eles dizem que é o Estado que está em jogo, mas, de facto, somos todos nós, devíamos ser todos nós, não é? Se vivemos em comunidade, temos de cuidar uns dos outros quando passamos por dificuldades. O facto é que – e penso que isto tanto é verdade em França como em Inglaterra – o sistema social é punitivo. Para poderes beneficiar dele, tens de passar trinta e cinco horas por semana à procura de um emprego que não existe. Se não fizeres isso, sofres sanções, e se fores sancionado deixas de receber dinheiro. E depois acumulas dívidas. E depois deixas de poder pagar a renda. E depois és corrido da tua casa. E, portanto, a ameaça de viveres tudo isto é de tal forma assustadora que, sim, vais acabar por aceitar um trabalho precário e

mal pago só para não te encontrares nessa situação. Há crueldade em todo este processo. Refiro-me a crueldade consciente. Porque eles, os que tomam as decisões, sabem aquilo por que as pessoas passam. Houve um caso destes... Oh, podia falar sobre isto eternamente...

É.L. Devias!

K.L. É a história de um homem, no País de Gales, numa agência de emprego, tinha sessenta e cinco anos e estava doente, o médico tinha-lhe dito que não podia trabalhar, mas foi obrigado a trabalhar. Um dia caiu para o lado e morreu. E o mesmo se repete todas as semanas, todos os meses, dia após dia. Quem poderia imaginar que, em sociedades tão ricas como as nossas, a fome ainda pudesse ser utilizada como arma? O medo da fome e o risco da fome... Quando penso na proliferação de organizações de caridade que